



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CARTOGRAFIA SOCIAL, LABORAL, ESPACIAL E CULTURAL DOS ASSENTAMENTOS RURAIS: MIGRAÇÕES, TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES NOS ASSENTAMENTOS RURAIS JOÃO BATISTA II, CUPUÍUBA (CASTANHAL/ PARÁ) E SUMARÉ I (SÃO PAULO)

MARIA MARIZE DUARTE
Universidade do Estado do Pará
E-mail: marize.duarte@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido em três Projetos de Assentamentos - João Batista II (PA), Cupuúba (PA) e Sumaré I (SP). O Projeto de Assentamento João Batista II, originário da área desapropriada da *Fazenda Tanary* (Bacuri), localizado na margem direita da BR-316/Pará-Maranhão, no sentido dos municípios paraenses de Castanhal / Santa Maria, no KM – 04 (Ramal Bacuri), com cento e trinta e seis (136) famílias assentadas, resultante da organização do MST. O Projeto de Assentamento Cupuúba, originário da área desapropriada da *Fazenda Cachoeira*, localizado na margem direita da BR-316/Pará-Maranhão, no sentido dos municípios paraenses Castanhal / Santa Maria, com duzentos e trinta e sete (237) famílias assentadas, resultantes da organização da FETAGRI/CUT e partidos ligados à esquerda orgânica. O Projeto de Assentamento Sumaré I, originário da gleba Horto Florestal de Boa Vista, localizado no município de Sumaré/São Paulo, com vinte e sete (27) famílias assentadas, organizadas pelo MST/CUT. Tais assentamentos rurais são resultantes de processos de ocupação, mediados pela Central Única dos Trabalhadores – CUT e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, no período de 1985-2001. O estudo objetiva analisar os processos sociais, vivenciados pelos grupos sociais, referentes às formas de mobilidade da força de trabalho, às trajetórias e às formas históricas da identidade dos assentados nesses espaços – temporais.

Em relação ao processo de pesquisa e as transições liminares, experienciados no cotidiano pela pesquisadora, em seus rituais de passagem, de revitalização, de resistência, etc., na compreensão do objeto da organização social e/ou assentamento rural que envolveu as fases de negociação, exploratória, investigação e de análise e interpretação. Na *fase de negociação*: contatos gerais com instituições, lideranças dos movimentos sociais, dos partidos políticos, etc., considerados com elementos facilitadores do processo de acesso ao campo de investigação. Na *fase exploratória*: processo de observação do contexto geral da situação dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

acampamentos, pré-assentamentos e assentamentos rurais e propiciou a identificação de informantes e outras fontes de registro e coleta de dados, que possibilitou a orientação de novas decisões e, por conseguinte, novo *design* para o estudo. Na *fase de investigação*: coleta sistemática através da história oral, mediante entrevistas semidiretivas, tendo em vista as possibilidades de reconstrução da historiografia dos assentamentos pela memória dos assentados. Na *fase de análise e interpretação*: consubstanciada na interligação entre as três fases anteriores, que associada interpretação dos dados – informações, tanto qualitativos como quantitativos, representa a reconstrução e a síntese das determinações dos três assentamentos em estudo — Sumaré I (soar), João Batista II e Cupiúba (Castanhal/PA).

O estudo desses assentamentos rurais como campo de relações sociais pode ser compreendido em sua estrutura geral pela historicidade da mobilidade da força de trabalho, pelas trajetórias expressas nas narrativas da itinerância e pelas formas históricas das identidades sociais. Para Gaudemar (1977) a mobilidade da força de trabalho compreende a historicidade do trabalho no espaço de produção do capital — fluxos migratórios — perpassando por vários setores, funções e unidades de produção em termos de tempo-espço. Segundo Battagliola e Imbert (1991) as trajetórias evidenciam rotas e/ou mapas que podem ser determinados pelo grupo familiar; pelas práticas sociais definidas por diferentes gerações; pelo efeito de acidentes familiares que influenciam o universo de possibilidades do grupo; pelo impacto do deslocamento geográfico, laboral, social e político de homens, mulheres, crianças e coisas no processo de expropriação do trabalhador agrícola pelo capital. Nas perspectivas de Bernd (1992) e de Carvalho (1999) as formas históricas de identidades sociais, representadas pelos grupos de parentescos, pelas comunidades religiosas, pelos partidos políticos, pelos sindicatos, pelas localidades de origem, etc., constituem os produtos dos comportamentos e/ou referências sociais dos universos simbólicos dos assentados.

1. Os assentamentos rurais e suas cartografias sociais: Uma visão dos assentados na perspectiva da mobilidade da força de trabalho

A compreensão das formas de mobilidade da força de trabalho nos assentamentos rurais permite livre deslocamento no espaço social de produção, mediante os fluxos migratórios, que passam a atuar na constelação do capital constituindo a forma espacial (êxodo rural) da mobilidade do trabalho. A forma da mobilidade do trabalho setorial envolve redistribuição da força de trabalho entre o setor de bens de produção e o setor de bens de consumo. Essas formas de mobilidade do trabalho demonstram o processo de circulação da



mercadoria em termos de espaço e tempo em função da adequação do ritmo da força trabalho aos meios de produção.

O estudo aponta para a presença de correntes e subcorrentes e/ou fluxos migratórios (vide Quadro 01) que desembocam nos Assentamentos Cupiúba (PA), João Batista II (PA) e Sumaré (SP) e vivenciaram vários processos de dessocialização, mas esses grupos continuaram sobrevivendo na duplicidade de duas socializações e/ou duas estruturas de relações sociais. (MARTINS, 1988, p.43-62). Essas estruturas representam a mobilidade da força de trabalho no processo de produção dos bens materiais de sobrevivência. Podemos dizer que essas formas sociais não são encontradas em estágio de pureza absoluta, mas sim permeada pelas várias formas que se configuraram ao longo do tempo em que foram submetidas aos diferentes processos de estruturação das formas de trabalho.

QUADRO 01 AS CORRENTES MIGRATÓRIAS DE NATUREZA INTERNA E EXTERNA PRESENTES NOS ASSENTAMENTOS CUPUIÚBA, JOÃO BATISTA II E SUMARÉ
ANOS: 1985-2001

ASSENTAMENTO	CORRENTES MIGRATÓRIAS		
	NATUREZA DA CORRENTE	SUBCORRENTES	MOVIMENTAÇÃO/MUNICÍPIOS
ASSENTAMENTO CUPUIÚBA – CASTANHAL/PA	Corrente Migratória Interna	Castanhhal	Castanhhal e Castanhhal; Castanhhal, Igarapé-Açú, Castanhhal; Castanhhal, Cametá, Igarapé-Açú, Castanhhal; Castanhhal, Tomé-Açú, Castanhhal; Castanhhal, Bragança, Igarapé-Açú, Marapanim, Inhangapi e Castanhhal.
		São Miguel do Guamá	São Miguel do Guamá e Castanhhal; São Miguel do Guamá, Capanema e Castanhhal ; São Miguel do Guamá, Tailândia, Ipixuna e Castanhhal.
		Bragança	Bragança e Castanhhal; Bragança, Capanema e Castanhhal
		Santa Maria do Pará	Santa Maria do Pará e Castanhhal
		Belém	Belém e Castanhhal
		Igarapé – Açú	Igarapé-Açú e Castanhhal
		São Domingos do Capim	São Domingos do Capim, São Miguel do Guamá e Castanhhal.
		Santarém Novo	Santarém Novo, Belém e Castanhhal.
	Curuçá	Curuçá, Bragança, Ourém, Capitão Poço, Garrafão do Norte, São Miguel do Guamá, Capanema, Belém e Castanhhal	
	Corrente Migratória	Ceará	Pentecoste(CE), Peixe-Boi(PA), Capanema(PA) e Castanhhal(PA); Fortaleza(CE), Curuçá(PA) e Castanhhal(PA); Oros(CE), Inhangapi(PA) e Castanhhal(PA).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

	Externa	Maranhão	Tutóia (MA), São Domingos do Capim(PA), São Francisco do Pará (PA) e Castanhal(PA); Chapadinha (MA), Tupindaré-Mirim(MA), Santa Maracaçumé(MA) e Castanhal(PA); Governador Archer(MA), Creolim(MA), Grajaú(MA), Itaituba(PA), Teresina(PI), Luzia do Piriá(MA), Grajaú(MA) e Castanhal(PA).
		Minas Gerais	Juiz de Fora (MG) e Castanhal (PA).
ASSENTAMENTO JOÃO BATISTA II CASTANHAL/PA	Corrente Migratória Interna	Belém	Belém, Acará, Mojú, Belém, Machado Pinheiro (AM), Marituba e Castanhal; Belém, Ananindeua e Castanhal; Belém, Barcarena, Belém, Ananindeua e Castanhal
		Bragança	Bragança, Castanhal, Curuçá e Castanhal; Bragança, Ananindeua e Castanhal; Bragança, Nova Timboteua, São Francisco do Pará, Belém, Castanhal; Bragança, Belém, Ourém, Belém e Castanhal.
		Santa Isabel do Pará	Santa Isabel do Pará, Acará e Castanhal.
		Ourém	Ourém, Belém, Tucuruí, Belém e Castanhal; Ourém, Maracaçumé (MA), Bragança, Ajuruteua/Soure, Ourém, São Miguel do Guamá e Castanhal
		Viseu	Viseu, Belém e Castanhal.
		Paragominas	Paragominas, Irituia, Garrafão do Norte, Capitão Poço, Castanhal, Paragominas, Castanhal, Igarapé-Açú e Castanhal.
		Capanema	Capanema e Castanhal.
		Almeirim	Almeirim/Monte Dourado, Amapá (AP), Belém e Castanhal
		Capitão Poço	Capitão Poço e Castanhal.
		Castanhal	Castanhal, Americano, Santa Isabel e Castanhal; Castanhal, Belém e Castanhal.
		Salinópolis	Salinópolis, Belém e Castanhal
		Primavera	Primavera, Belém, Marituba, Castanhal, Primavera, Santarém, Manaus (AM), Belém, Ananindeua e Castanhal.
		Vigia	Vigia, Mosqueiro-Belém e Castanhal.
			Ceará



ASSENTAMENTO JOÃO BATISTA II CASTANHAL/PA	Corrente Migratória Externa		Ceará (CE), Belém, Ananindeua, Ceará (CE) e Castanhal
		São Paulo	São Paulo (SP) e Castanhal; São Paulo/São Caetano do Sul, Primavera, Belém e Castanhal.
		Maranhão	Maranhão/Governador Archer, Belém e Castanhal; Maranhão/Pindaré, Anauá/Roraima, Presidente Figueiredo (AM), Ananindeua, Macapá (AP), Carutapera (MA), Altamira, Mosqueiro/Belém, Ananindeua, Belém e Castanhal; Maranhão/Codó, Godofredo Viana (MA), Maracaçumé (MA), Ananindeua e Castanhal; Maranhão/Chapadinha, Belém, Ananindeua e Castanhal.
		Piauí	Piauí/Amarantes, Teresina (PI), Belém, Ananindeua e Castanhal ; Piauí/José de Freitas, Maracaçumé (MA), Ananindeua, Belém e Castanhal.
		Pernambuco	Pernambuco / Canhotinho, Feira de Santana (BA), Ananindeua e Castanhal.
ASSENTAMENTO SUMARÉ II – SUMARÉ/SP	Corrente Migratória Interna	Lutécia	Lutécia, Paraná e São Paulo–Sumaré
		Santa Cruz do Rio Pardo	Santa Cruz do Rio Pardo e Sumaré
		Valparaíso	Valparaíso e Sumaré.
	Corrente Migratória Externa	Minas Gerais	Minas Gerais/Jequeri, Paraná e São Paulo – Campinas e Sumaré; Minas Gerais/Santa Maria de Suaçuí, São Paulo: Marília, Campinas e Sumaré; Minas Gerais/(...), Paraná, São Paulo: São José do Rio Preto, Valinhos e Sumaré.
		Sergipe	Sergipe/Muribeca, São Paulo, Paraná, São Paulo: Campinas e Sumaré; Sergipe/Itabaiana, Paraná e São Paulo: Sumaré.
		Pernambuco	Pernambuco/Guaranhuns, São Paulo: Barreto, Votuporanga e Sumaré.
		Paraná	Paraná/ (...) e São Paulo: Sumaré.



1.1 A composição e mobilidade da força de trabalho no Assentamento Cupiúba – Castanhal – Pará

A composição da mobilidade da força de trabalho aponta duas correntes migratórias. A corrente migratória de natureza interna trata dos fluxos migratórios que são originários dos municípios paraenses e apresenta nove (09) subcorrentes migratórias, tais como: Castanhal, São Miguel do Guamá, Bragança, Santa Maria do Pará, Belém, Igarapé – Açu, São Domingos do Capim, Santarém Novo e Curuçá. A corrente migratória de natureza externa trata dos fluxos migratórios originários em outros estados brasileiros, que por sua vez apresenta três subcorrentes migratórias originárias nos estados do Ceará, Maranhão e Minas Gerais. Os fluxos migratórios, detectados na presente amostra de estudo, não se traduzem em formas cíclicas e temporárias. Os fluxos migratórios não obedecem às formas cíclicas, porque não possuem tempo determinado de saída e de retorno e, nem as formas temporárias, porque não são dominadas pelos calendários agrícolas e pelo ritmo irregular das grandes obras públicas e privadas.

Os tipos de combinações dessas formas de trabalho em dinamismo intenso das categorias históricas de origem, presentes no assentamento, que compreendem o pequeno proprietário dos meios de produção, os trabalhadores rurais assalariados, os trabalhadores rurais meeiros, os trabalhadores rurais posseiros, os trabalhadores rurais arrendatários, os trabalhadores urbanos assalariados – operários das indústrias, os trabalhadores urbanos - pequenos comerciantes e os trabalhadores urbanos assalariados – professores, etc.. O processo vivenciado pelos assentados demonstra que os fluxos migratórios estão diretamente associados ao processo de desenvolvimento e/ou ampliação da base do sistema capitalista de produção. As experiências dos assentados demonstram diversas situações de mobilidade, como exemplificamos a seguir:

O assentado AC04¹ nasceu em Tutóia/Maranhão e percorreu os municípios paraenses de São Domingos do Capim, São Francisco do Pará e Castanhal, onde desenvolveu atividades ocupacionais como assalariado rural e vivenciou vários processos de trabalho que se estendem da pecuária à fruticultura, que tratam dos cuidados gerais com o gado associado ao plantio e a

¹ Entrevista com Assentado AC04: origem de nascimento, município de Tutóia/Maranhão, localidade de São Benedito, casado, sexo masculino, 71 anos, analfabeto, trabalha na área rural em atividades agrícolas desde os treze anos. Observa que as condições de produtor rural eram extremamente precárias para o sustento da família, porque sua mulher e/ou esposa teve treze (13) partos e mesmo trabalhando dia e noite, muitas vezes só conseguia farinha sem um pedaço de carne para alimentação de seus filhos e da mulher. Local da entrevista: Cupiúba/Castanhal/Pará. (03 de abril de 2001/B).



colheita de frutos. O domínio do processo de trabalho pelo assalariado rural compreendia o envolvimento em todas as fases do processo de produção, desde as atividades de gerenciamento até a classificação das mercadorias, mesmo que observemos uma divisão do processo de trabalho na geração da produção, o assalariado concentra em suas mãos uma série de atividades, inclusive as de gerência, mas nesse processo o pagamento de seu processo de trabalho se efetiva pela função mais baixa do processo de produção, que é trabalhador assalariado rural - vaqueiro. A circulação da força de trabalho e/ou itinerância do trabalhador está diretamente associada ao processo de produção à medida que esta se desgasta no processo de produção, que está sendo representada pela doença e/ou ausência de saúde.

1.2 A composição e mobilidade da força de trabalho no Assentamento João Batista II – Castanhal - Pará

As correntes migratórias evidenciadas no Assentamento João Batista II são consideradas de duas naturezas interna e externa. A corrente migratória de natureza interna está representada pela origem geográfica diretamente associada aos municípios paraenses, que estão configuradas em treze (13) subcorrentes migratórias, representadas pelos municípios de Belém, Bragança, Santa Isabel do Pará, Ourém, Viseu, Paragominas, Capanema, Almeirim, Capitão Poço, Castanhal, Salinópolis, Primavera, Vigia. A corrente migratória de natureza externa, quer dizer exterior aos espaços do território paraense, que totalizam cinco (05) subcorrentes migratórias nesses diferentes espaços geográficos dos estados do Ceará, São Paulo, Maranhão, Piauí, Pernambuco. Esses fluxos migratórios estão diretamente associados a um mosaico e/ou fragmentos de vários processos de trabalho, que se traduzem em estruturas de socializações variadas. Essa mobilidade da força de trabalho representa o movimento de pessoas, objetos e coisas nesse espaço do capital, que estrutura e desestrutura as relações sociais de produção, que numa perspectiva *martinsiana*² constitui uma massa de deserdados e/ou um produto residual resultante de desagregações e transformações de diferentes ordens sociais. Os fluxos migratórios não são cíclicos, porque não estão diretamente associados à definição do ritmo e do tempo certo de saída e do tempo certo de retorno. Os fluxos migratórios também não são temporários, porque nem são regulados pelos calendários agrícolas e nem pelo ritmo irregular das grandes obras públicas e privadas.

A composição da força de trabalho no assentamento revela diferentes formas sociais históricas resultantes de várias decomposições sociais, mas que apresentam

² Relativo ao sociólogo José de Souza Martins.



elasticidade e adaptabilidade às transformações dos processos técnicos e/ou novos ofícios gerados. Essas situações podem ser observadas nos relatos dos entrevistados, que demonstram como o fenômeno da mobilidade ocorre na produção, circulação e consumo dessa mercadoria.

O relato do assentado AB01³, nascido no município de São Bento/Ceará, percorre nos espaços geográficos dos municípios de Peixe-Boi/PA, Belém/PA, Ananindeua/PA e Castanhal/PA, nas atividades ocupacionais de fabricação de redes para pesca, vassouras, consertador de aparelhos elétricos, vigia e marceneiro, que constitui o mapa de sua história social, política e cultural, como demonstra em seu relato de experiência. A história de vida do assentado traduz a mobilidade da força de trabalho em dois movimentos. O primeiro movimento compreende a circulação da força de trabalho em cinco espaços geográfico. O segundo movimento é compreendido como a transmigração e/ou desterro da força de trabalho no espaço de produção. Os espaços geográficos e de produção se interpenetram no processo de mobilidade da força de trabalho. Os tempos e os ritmos da força de trabalho se modificam em função dessa movimentação associada às mudanças no processo de trabalho e de produção.

1.3 A composição e mobilidade da força de trabalho no Assentamento Sumaré I – Sumaré – São Paulo

Os fluxos migratórios presentes no Assentamento Sumaré I são originários das correntes migratórias internas e externas. A corrente migratória de natureza interna compreende a circulação da mobilidade da força de trabalho no espaço social de produção tendo como origem os diversos municípios paulistas no sentido e/ou destino de Sumaré, que se constituem em três (03) subcorrentes representadas pelos municípios de Lutécia, Santa Cruz do Rio Pardo e Valparaiso. Os fluxos migratórios de natureza externa são entendidos como o deslocamento espacial-temporal, que tem como referência de origem os estados brasileiros, menos os que estão situados no destino dos migrantes, que no caso em estudo é São Paulo/Sumaré. As subcorrentes migratórias são quatro (04) e, assim, configuradas nos estados de Minas Gerais, Sergipe, Pernambuco e Paraná. Tais correntes e subcorrentes se expressam pelas migrações cíclicas e temporárias. Essa mobilidade do trabalho, presente tanto

³ Entrevista com Assentado AB01: origem de nascimento: município de São Bento/Ceará, solteiro, reside em Castanhal há 02 anos e está trabalhando na agricultura, nesse tempo que está na área. Local da entrevista: Assentamento João Batista/Castanhal/Pará – Núcleo 07 – Raimundo Santiago (14 de abril de 2001/C).



no tempo como no espaço, transforma a força de trabalho — trabalhadores rurais — pelo êxodo rural em operários agrícolas, operários têxteis, operários da construção civil, etc., num processo de decomposição acentuado das relações sociais de produção anteriores. E, nesse sentido, o “*tempo humano*” é substituído pelo “*tempo da máquina*”, modificando as visões de mundo e restaurando um novo cotidiano em substituição ao antigo. Essas situações podem ser observadas no relato de experiência, contado pelo entrevistado.

O assentado AS03⁴ nasceu em Muribeca/Sergipe e percorreu os estados de São Paulo, Paraná e São Paulo, nos municípios de Setanópolis, Campinas e Sumaré, atuando no setor da agricultura e pecuária. Evidencia em sua história as relações com a conjuntura econômica, social e política brasileira. Nas décadas de sessenta e setenta esse fluxo migratório efetiva um deslocamento no espaço-histórico, em função de fenômenos climáticos como a geadas (1964/1965 e 1968/1969) e a seca (1970), que produziram danos ao setor agrícola. Essas décadas registram o desenvolvimento do capitalismo no campo, representado pela “industrialização” da agricultura, que para alguns estudiosos resolve a crise agrícola e agrava a crise agrária. Essa é a época dos grandes fluxos migratórios do campo / cidade e, também, a época dos governos militares — Castelo Branco, Costa e Silva, Junta Militar (exército, marinha e aeronáutica), Médici, Ernesto Geisel e Figueiredo — que se caracterizaram pelo intenso processo repressivo, que atingiu os atores sociais da formação social brasileira como os estudantes (UNE – incendiada e invadida); os camponeses, sindicatos e federações (prisões e intervenções em cerca de 70% dos sindicatos com mais de 5.000 associados); o poder judiciário (50 juizes foram expulsos); o poder legislativo (50 parlamentares cassados), a burocracia civil/ instituições públicas (1.400 pessoas cassadas); as forças armadas (1.200 militares cassados); os governadores (efetivação da cassação Arraes -PE, Seixas Dória -SE e Mauro Borges -GO); os direitos políticos suspensos (Jango (JG), Brizola, Jânio, Juscelino), etc. O autoritarismo dos governos militares gerou de um lado, ações antidemocráticas como a criação do SNI e o A. I.-1, que autoriza a cassação de mandatos (municipal, estadual e federal) e suspensão dos direitos políticos pelo período de dez (10) anos; e, de outro, tiveram

⁴ Entrevista com Assentado AS03: origem de nascimento: município de Muribeca/Sergipe, no ano de 1947, estudou até a 3ª série (Ensino Fundamental). Os pais migraram para São Paulo/ Paraná, quando casou passou a morar e trabalhar no município de Setanópolis do Aguapeí/ São Paulo, na Fazenda Ouro Branco, criação do gado Nelore e a produção do algodão, onde permaneceu 08 anos e no município de Sumaré/SP reside há 25 anos, mas no assentamento Sumaré I reside há 18 anos. Local da entrevista: Assentamento Sumaré I. Sumaré – São Paulo / Brasil. (19 de dezembro de 2001/E).



como resposta a reação dos grupos organizados quando criaram o Movimento de Agricultores Sem Terra, no Rio Grande do Sul e, outros eventos de grande importância para o movimento dos trabalhadores rurais e urbanos, porque esse também é o *tempo da guerrilha urbana*, campo da esquerda brasileira, que lutava contra o regime militar.

2. As trajetórias sociais nos assentamentos rurais: Uma visão dos assentados na perspectiva de suas rotas no espaço social

Os roteiros, as rotas, os mapas e/ou itinerários da vida cotidiana dos assentados nem sempre são determinados pela unidade do grupo familiar; pelos trunfos definidos pela prática social de uma geração para outra; pelo efeito que os acidentes familiares influenciam no universo das possibilidades sociais do grupo; pelo impacto do deslocamento geográfico e residencial, etc. Essas rotas mesmo não sendo determinantes podem influenciar a história da itinerância dos trabalhadores rurais. O tempo percorrido por um corpo — força de trabalho — em movimento e/ou as trajetórias sociais dos trabalhadores assentados, em articulação com a mobilidade social do trabalho, podem demonstrar os lugares e os trajetos que definem as posições e/ou papéis sociais dos indivíduos e/ou grupos nos diferentes campos do espaço social.

2.1 As trajetórias dos assentados de Cupiúba – Pará na perspectiva de suas rotas no espaço social

A trajetória do assentado AC19⁵ que nasceu em Belém/Pará e migrou para Castanhal em função das mobilizações do trabalho, conforme afirma em sua história de vida. As rotas e/ou trajetos do assentado estão diretamente associadas aos sindicatos e/ou movimentos de organização dos trabalhadores perpassando pelas grandes discussões de constituição da Central Única dos Trabalhadores - CUT e suas divergências com a CONCLAT/ CGT – Central Geral dos Trabalhadores e a Força Sindical (FS), que privilegia o sindicalismo de resultado. O entrevistado vivenciou uma série de eventos sindicais em que os trabalhadores, em seu processo organizativo, questionavam, reivindicavam e elaboravam projetos e propostas em relação aos planos — Cruzado I e II, Bresser e Verão (1986-1989), Collor (1990-1992), Real (1994-1995). Os roteiros e/ou itinerários do assentado sempre estiveram ligados ao movimento sindical urbano, mas no final da década de noventa assume a

⁵ Entrevista com Assentado AC19: origem de nascimento: município de Belém/Pará, no dia 25 de julho de 1955, 46 anos, reside em Castanhal há 11 anos, separado não legalmente e está amasiado com uma outra pessoa. Está terminando o mandato de juiz classista e trabalhando na área da agricultura. Os projetos que pretende desenvolver são os de criação de peixe, plantação de verdura e hortigranjeiro. Local da entrevista: Cupiúba/Castanhal/Pará. (31 de março de 2001/B).



organização rural e seus problemas visando à construção de um novo projeto econômico e agrícola para o campo.

2.2 As trajetórias dos assentados de João Batista II – Pará na perspectiva de suas rotas no espaço social

Para efeito de compreensão apresentamos a trajetória do assentado AB07⁶ que nasceu em Canhotinho/Pernambuco e passou pelos municípios de Feira de Santana (BA), Ananindeua (PA) e Castanhal (PA) relata que as mudanças ocorreram em função da seca e da existência de áreas pequenas de terra, como bem relata em sua história. A definição das rotas do entrevistado está diretamente associada às mudanças climáticas, as extensões da terra e a necessidade de melhoria das condições de trabalho e econômica associadas ao imaginário da abundância de terras na Amazônia. As rotas dos assentados perpassam pelas mais diversas relações de trabalho como o trabalho escravo, o trabalho assalariado, a mecanização e automação da produção e a ocupação em pequenas propriedades.

2.3 As trajetórias dos assentados de Sumaré I – Sumaré - São Paulo na perspectiva de suas rotas no espaço social

A trajetória social do assentado AS08⁷ evidencia que nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo /São Paulo e migrou para Sumaré (SP) em cuja movimentação aparece a necessidade de terra para trabalho. O campo profissional determina as rota do assentado. Esse campo está delimitado pela agricultura, seja na produção do tomate, seja na produção de verduras. As situações registradas pelo assentado demonstram o processo de produção e de trabalho, peculiar ao tempo social dos anos oitenta. Os técnicos do DIEESE registram que o processo de mecanização e quimificação avançou e reduziu tanto a força de trabalho dos assalariados permanentes como a força de trabalho dos assalariados temporários. Essas mudanças na relação capital e trabalho envolveram de um lado, novos processos como as negociações coletivas, os acordos e as greves, que possibilitam a melhoria das condições

⁶ Entrevista com Assentado AB07: origem de nascimento: município de Canhotinho/ Pernambuco, no dia 2 de maio de 1943, cursou o 4º ano primário (Ensino Fundamental), casado, reside em Castanhal/PA há 2 anos, mas morou 4 anos na Cidade Nova, município de Ananindeua/PA e trabalha há dois anos na agricultura. Local da entrevista: Assentamento João Batista/Castanhal/Pará/Núcleo Criativo. (15 de abril de 2001/C).

⁷ Entrevista com Assentado AS08: origem de nascimento: município de Santa Cruz do Rio Pardo/São Paulo, no dia 02 de abril de 1950, 51 anos, reside no assentamento desde 1994, antes trabalhava no plantio de verduras, mas após o projeto de irrigação passou para a lavoura de tomate, que deu certo e ganhou dinheiro naquela época, após um ano de chegada no assentamento. Local da entrevista: Assentamento Sumaré I. Sumaré – São Paulo/Brasil. (20 de dezembro de 2001).



salariais e de trabalho dos assalariados rurais organizados, mas de outro lado, os empresários rurais continuaram resistindo à discussão de questões relativas à produção e seu impacto sobre o trabalho.

3. As formas históricas de identidades sociais nos assentamentos rurais: Uma perspectiva da fragmentação dos grupos sociais

Os fundamentos teóricos explicativos das identidades sociais nos assentamentos rurais estão centrados nas perspectivas de Bernd (1992) e de Carvalho (1999). A primeira perspectiva entende a identidade como um mosaico em justaposição em função dos grupos a construir em diferentes momentos de sua história, como uma colagem de valores, normas, vivências, opiniões, relações, utopias, etc. A segunda perspectiva considera a identidade como um fenômeno social, que compreende um conjunto de relações sociais consolidadas historicamente e que permanecem no assentamento com a posse legal da terra. Entendemos a identidade como resultante de situações sociais históricas, mas no caso dos assentamentos rurais em estudo podemos observar que essas situações produzem fragmentações em função da passagem pelas diversas ordens sociais, que possivelmente determinarão uma identidade, consubstanciada na síntese dessa multiplicidade de situações.

A composição geral dos assentamentos em estudo demonstra a variabilidade de funções desempenhadas pela força de trabalho através das figuras sociais e/ou categorias sociais que detinham em sua origem as ocupações de trabalhador rural porcenteiro (01/1,28%); trabalhador rural pequeno proprietário (15/19,24%); trabalhador rural assalariado (14/17,95%); trabalhador rural meeiro (08/10,26%); trabalhador rural posseiro (01/1,28%); proprietário de terras – arrendatário (02/2,56%); trabalhador na mineração – garimpeiro (02/2,56%); trabalhador urbano: movelaria, carpintaria, pintor de carro, etc. (03/3,85%); trabalhador urbano – agente comunitário (04/5,13%); trabalhador urbano autônomo – comidas típicas, doméstica, feirante, etc. (11/14,10%); trabalhador urbano - funcionário público, professor de educação física e datilografia (07/8,97%); trabalhador da área de navegação: prático de embarcações, navios, etc. (01/1,28%); trabalhador urbano assalariado – operário das indústrias têxtil e da castanha, recepcionista, segurança, limpeza pública, motorista, etc. (09/11,54%). Essa composição demonstra a tônica futura na definição da identidade por ocasião da posse legal da terra pelos assentados.

As tendências à formação das identidades sociais, que tratam da comunidade religiosa, apresentam em maior concentração a religião católica (35) e menor a evangélica



(06), mas os não declarantes giram em torno de trinta e sete (37), que podem ampliar o leque de religiões, que compõem os assentamentos. A comunidade política está representada pelos partidos PT (40), PMDB (05), PST (01) e PTB (01), mas aqueles que não apresentam vida política partidária constituem cerca de trinta e um (31) entrevistados. Quanto à comunidade de origem está concentrada nos estados Sergipe (02), Ceará (08), Minas Gerais (04), Maranhão (07), Pará (45), Piauí (02), São Paulo (05), Pernambuco (02) Paraná (01) e s/ identificação (01). Essas situações ligadas à política, à religião e à origem, constituem uma rede de relações sociais, que tenderão a qualificar os tipos de identidades sociais a serem formadas nos assentamentos.

3.1 As formas históricas de identidades sociais dos assentados de Cupiúba-Pará na perspectiva dos grupos sociais

Podemos dizer que a configuração da identidade social dos assentados do Cupiúba se encontra em forma de latência. As formas históricas passaram pelo processo de descontinuidade estão representadas por fragmentos no processo de organização do trabalho. Essa fragmentação e/ou desenraizamento cultural pode ser observada pela mobilidade do trabalho no espaço de produção, que afirma as tendências de afirmação e/ou negação da nova identidade social. Os padrões de comportamentos detectados nos remetem para as comunidades religiosas, aos partidos políticos, aos sindicatos e as localidades de origem. Esses fragmentos podem ser traduzidos em tendências à efetivação de processos de interação que levem à construção de uma nova realidade, que está oculta na generalidade do assentamento. Os estudiosos afirmam que as identidades são construídas na relação entre indivíduo e sociedade, isto é, na vivência cotidiana. Assim os assentados tendem a compartilhar suas preocupações, impaciências, descontentamentos, dificuldades, etc., como as pessoas e/ou grupos que possuam afinidades. Daí a busca do “*refúgio emocional*” se efetivar com aquelas pessoas, que julgam possuir um plano em comum. Esse plano comum implica na mesma origem geográfica, mesmo partido político, mesma religião, etc., porque o sentimento de pertencimento a um determinado grupo os ajudará a dominar o sentimento de incerteza, que os acompanhou no processo de ocupação e acampamento.

3.2 As formas históricas de identidades sociais dos assentados de João Batista II – Pará na perspectiva dos grupos sociais

A situação de transição, visualizada entre os padrões de comportamentos antigos e os novos, pode ser entendida como um momento de anomia social do grupo, onde ocorre uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ausência de regras, normas, valores, comportamentos, etc., porque o momento exige a incorporação de novos códigos sociais, gerando uma instabilidade no cotidiano social dos assentados. Essa situação de transição torna visível o fragmento das formas históricas, empiricamente observado no sistema de produção pela versatilidade da força de trabalho.

No assentamento João Batista II a versatilidade da força de trabalho é empiricamente demonstrada pela presença de várias atividades desenvolvidas pelos assentados, representadas pela multiplicidade de fragmentos de identidades sociais. Essa massa de deserdados sociais apresenta de forma latente várias identidades sociais, que possuem tendência à formação de um conjunto de redes sociais pelo processo de interação, mas que podem ser consolidadas em padrões de comportamentos sociais diferenciados conforme as formas sociais históricas e aos grupos de pertencimento políticos, de origem geográfica e religioso. Na fase de latência de formação das novas identidades, síntese da determinação dos fragmentos das identidades existentes, poderá ocorrer uma multiplicidade de novas situações que se orientam para o confronto com os hábitos anteriores, cuja intermitência tenderá a ser superada quando um novo padrão de comportamento e/ou regulação for estabelecido.

3.3 As formas históricas de identidades sociais dos assentados de Sumaré I – São Paulo na perspectiva dos grupos sociais

A história de vida dos assentados de Sumaré I aponta para fragmentos dos padrões de comportamentos antigos. Demonstra em sua fase de latência as relações sociais históricas consolidadas no campo, porém a instabilidade do cotidiano está relacionada à incorporação de novas formas de decisões sobre práticas diferenciadas como as formas de organização e negociação. Esses valores novos entrarão em confronto com os valores antigos, mediante processo de interação social, produzindo a síntese da definição das identidades sociais dos assentados sumareanos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da cartografia social, laboral, espacial e cultural dos assentamentos rurais — Cupiúba, João Batista II e Sumaré I — perpassa pelas perspectivas da mobilidade da força de trabalho (fluxos migratórios), das trajetórias (rotas e/ou itinerários e/ou trajetos) e das identidades sociais (formas históricas / grupos sociais). Os assentamentos paraenses estudados não apresentam fluxos migratórios nas formas cíclicas e temporárias. O assentamento paulista registra tanto os fluxos migratórios nas formas cíclicas e temporárias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Significando que a ciência e a técnica penetraram com maior intensidade nesse processo de produção rural. As trajetórias sociais nos assentamentos rurais em estudo são definidas pelas rotas percorridas no tempo e espaço pelos assentados. Em Cupiúba e João Batista II as novas formas de gestão ainda não foram totalmente assumidas pelo processo de produção das empresas. Enquanto, no assentamento Sumaré I apresenta visibilidade ampliada pela reestruturação econômica, tecnológica e gerencial, que enfatiza o aumento do controle e do ritmo de trabalho. Os fragmentos das identidades sociais, presentes nos assentamentos rurais em estudo, podem ser considerados em forma de latência. Esta situação de transição desoculta os fragmentos das formas históricas, que podem ser demonstrados empiricamente pela versatilidade da força de trabalho no sistema de produção. Essa versatilidade se apresenta com menos intensidade em Sumaré I. Esses fragmentos de grupos podem passar por um processo de reestruturação em função da instabilidade cotidiana dos assentados, tendo em vista a unidade dos mundos sociais desencontrados, que aportaram nesses assentamentos rurais.

REFERÊNCIAS

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa Ltda., 1977.

MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão** (O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 2ª Ed., 1988.

BATTAGLIDA, Françoise ; BERTAUX-VIANE, Isabelle, FERNAND, Michèle ; IMBERT, Françoise. **Dire sa vie entre travail et famille**. La construction sociale des trajectoires. Paris, C.S.U, 1991.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992.

CARVALHO, Horácio Martins de. Interação social e as possibilidades de coesão e de identidades sociais no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais nas áreas oficiais de reforma agrária no Brasil. Ministério Extraordinário de Política Fundiária (MPF). **Núcleo de Estudos Agrários e de Desenvolvimento – NEAD**. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA. Curitiba, fev. 1999.